



## A BAILARINA ESPECIAL COMO OBJETO DE CONSUMO

ARAÚJO, Janaína Fiorenzano <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo refere-se à diferença e representação em que identidades são negociadas de modo que, no decorrer do seu processo de construção, se tornam objeto de consumo e passam a ser percebidas como um modelo a ser seguido. Tem como objetivo estudar como a representação da bailarina especial se torna um objeto de consumo a partir de um livro de literatura infantojuvenil "A bailarina especial". O estudo é desenvolvido a partir das teorias de representação, identidade e consumo, utilizando-se dos seguintes autores Sygmunt Bauman, Rocha e Costa entre outros. Até o presente momento foi possível perceber que a bailarina especial através de sua representação consegue transformar-se em um objeto de consumo por meio de seu estilo de vida e de sua profissão.

**Palavras-chave:** Consumo. Identidade. Bailarina especial.

**Resumen:** En este artículo se refiere a la diferencia y la representación en la que se negocian las identidades de modo que en el curso de su proceso de construcción, se convierten en un objeto de consumo y son percibidos como un modelo a seguir. . Su objetivo es estudiar cómo la representación de bailarina especial se convierte en un objeto de consumo a partir de un libro de literatura infantil y juvenil "La bailarina especial." El estudio se desarrolló a partir de las teorías de representación, la identidad y el consumo, utilizando los siguientes autores Sygmunt Bauman, Rocha y Costa entre otros. Hasta ahora era posible ver que la bailarina especial a través de su representación puede ser transformada en un objeto de consumo a través de su estilo de vida y su profesión.

**Palabras clave:** El consumo. Identidad. Bailarina especial.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA. Email: jninay@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte do projeto da dissertação “Diferença, representação e negociação de identidades: a bailarina especial como objeto de consumo e eixo curricular” (2016). O tema central do presente artigo é a representação inspirada na trajetória de uma jovem com Síndrome de Down que se torna bailarina, a qual, no trabalho será referida como “Lili”. A partir desta representação, analisar-se-á como a imagem da bailarina especial passou a ser percebida, identificada e transformada em objeto de consumo.

## 2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Na perspectiva teórica dos Estudos Culturais o presente estudo parte da seleção de uma categoria de artefato, sendo ela um livro infantojuvenil - “A bailarina especial” (2012). Para sua consecução serão utilizados conceitos de representação, identidade e consumo. Tendo como principais autores para a pesquisa Sygmunt Bauman, Tomáz Tadeu da Silva, Campbell e Barbosa, Marisa Vorraber Costa, Rocha, entre outros.

Segundo o Relatório Mundial sobre deficiência:

A deficiência é geralmente associada a incapacidade. Uma análise dos estigmas associados à saúde revelou que o impacto foi notavelmente similar nos diferentes países e para os diferentes problemas de saúde. Um estudo realizado em 10 países revelou que o público em geral não possui uma compreensão das habilidades das pessoas com deficiência intelectual. Os problemas mentais são particularmente estigmatizados, com problemas comuns em diferentes cenários. Pois pessoas com problemas mentais enfrentam discriminação mesmo nos ambientes de atendimento de saúde. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011, p. 6).

A discriminação de uma pessoa portadora de necessidades de atendimento especial ocorre em ambientes nos quais ela deveria receber atenção e tratamento de compreensão e aceitação. Então, pensando na bailarina especial, percebe-se que até em ambientes propícios ao deficiente ocorre discriminação. Logo, não seria diferente em um ambiente destinado à excelência da produção artística como o de uma dançarina, também seria possível ocorrer.

A família observa situações em que Lili - bailarina especial - passa por olhares e declarações que se identificam a preconceitos. Por este motivo seus pais decidem ajudar a filha a tornar-se uma pessoa “normal”.

Em relação a isso, podemos ler no seguinte trecho do livro “A bailarina especial”:

- Mas... ela tem uma deficiência! - falou a mãe de Lia, de novo, um pouco alterada. Eu fiquei muito triste com aquelas palavras. Todas as minhas amigas me olharam de um jeito estranho, como se procurassem um defeito ou algo errado em mim. Até as mães me encararam com pena, um olhar que minha mãe reprimiu com uma fala calma e educada, porém muito séria: - A Aline tem Síndrome de Down. Isso não significa que ela não possa usar sapatilhas de ponta ou mesmo dançar melhor que qualquer outra bailarina. E eu não chamo isso de deficiência: chamo eficiência. Mesmo sendo diferente, ela provou a todas vocês que consegue ser uma ótima bailarina. (TOMÁZ, 2015, p. 9-10).

Portanto, por meio deste trecho, percebemos que a jovem foi discriminada pela mãe de uma colega de balé que não aceitava a bailarina. Mas mesmo assim, a mãe de Lili busca mostrar que sua filha é uma ótima bailarina e que a deficiência dela passou a ser algo eficiente, pois após um tempo ela se torna a única bailarina com Síndrome de Down do Brasil.

Pode-se dizer que o esforço não foi somente da garota para ser essa bailarina, mas de seus pais que buscaram ser o suporte para a menina e ajudá-la a transformar-se em uma bailarina de sucesso. É válido propor que, a partir desses momentos, ela passa a ser percebida como um objeto para consumo quando se torna a única deficiente intelectual do Brasil a usar as sapatilhas de ponta. Em razão disso, sua imagem torna-se um objeto de consumo e ela passa a ser representada como tal.

Nesse sentido, a relação de consumo, segundo Rocha, pode ser expressa da seguinte forma:

As práticas de consumo são sociais, seu uso tanto simbólico quanto concreto é sempre social e nele nada se cria ou se frui que não tenha por substrato a significação pública. Enfim, o consumo é governado por representações coletivas, emoções codificadas, sentimentos obrigatórios, sistemas de pensamento e pela ordem cultural que o inventa, permite e sustenta. (ROCHA, 2002, p. 8).

A bailarina especial para se transformar num objeto de consumo e é representada de uma forma que outros deficientes sintam-se propensos a consumir

uma imagem “normal”. Ela passa a ser um símbolo de consumo para muitas pessoas por meio da obra literária, a qual pode ser lida, influenciando a percepção das demais pessoas. Mas, para que esse consumo acontecesse, a jovem necessitou passar por várias modificações na sua vida cotidiana.

A construção da “normalização” e do referencial como produto a ser consumido exigiu que seus passos de balé parecessem ser os mais “perfeitos”, pois como ela tem uma deficiência não poderia apresentar defeitos na sua performance como bailarina. E, desta forma, isso faria com que ela se sentisse pertencente à sociedade, e aceita pela mesma sociedade.

### **3 “A BAILARINA ESPECIAL” E A LITERATURA INFANTOJUVENIL**

O artefato selecionado é um livro que se enquadra na categoria de literatura infantojuvenil. Este será inicialmente apresentado quanto a seu enredo e posteriormente contextualizado no âmbito de sua categoria. O livro chama-se “A bailarina especial” (2012). Ele conta a história de Lili, uma garota com Síndrome de Down, que sonha em se tornar uma bailarina. A história se inicia quando a mãe de Lili vai até uma escola de balé para inscrever a filha com Down.

No início, a professora, chamada Daniela, acha estranho ter na sua classe uma garota “diferente”, pois ela nunca tinha passado por esta experiência e não saberia como agir. A mãe, porém, pede para que a professora trate a menina como as demais alunas, sem distinção. A professora, então, aceita o desafio e Lili passa por um tempo de adaptação para saber se poderia frequentar as aulas. Após uma semana, a mãe de Lili recebe a notícia de que sua filha está apta para continuar na escola de balé e que ela seria uma bailarina de sucesso.

Além das classes de balé, os pais de Lili sempre fizeram questão de que a filha estudasse em uma escola “normal”. No entanto, a garota se sentia muito diferente no meio de seus colegas. Ela tinha vergonha de se expressar, pois não conseguia se comunicar como os demais alunos que frequentavam a sala de aula com ela. A bailarina achava muito difícil estar em uma escola “normal”. Sua mãe reconhecia que seria difícil, mas insistia que ela deveria tentar com todas as suas forças, pois conseguiria.

Entretanto, quando Lili completa seis anos, ela troca de escola e começa a frequentar um colégio onde todos os alunos tinham algum tipo de deficiência.

A menina fica muito feliz, pois constata que todos de sua classe têm o seu mesmo problema e, nesta instituição, a garota consegue se comunicar com todos e fazer as tarefas que lhe eram propostas. E assim, neste ambiente, Lili se torna a melhor aluna da turma.

Após conseguir se adaptar à escola, Lili continua a se preparar para ser uma bailarina profissional. Passa então a cuidar de sua alimentação e a ensaiar muito. A primeira apresentação da jovem foi aos nove anos de idade. A menina era a única bailarina com Síndrome de Down do grupo e, por este motivo, ficava muito nervosa, mas a mãe sempre lhe incentivava a confiar em si mesma e, assim, ela perdia o medo e subia no palco.

A garota, então, mesmo com Down, torna-se uma referência na escola de balé. Assim, numa manhã, a professora de balé entrega uma surpresa para Lili e sua família. Ela recebe um convite para dançar, contar sua história e representar o Brasil num encontro sobre Síndrome de Down, em Madri, na Espanha. A bailarina ficou muito nervosa, pois teria que dançar sozinha e seus passos sempre foram coordenados pelos de outras bailarinas.

Contudo, a professora comunicou à bailarina de que teriam bastante tempo para ensaiar. Lili passa então a ser notícia nos meios de comunicação e requisitada para dar entrevistas sobre sua apresentação na Europa.

Com isso, a bailarina passa a receber vários convites para fazer apresentações individuais. Isso fez com que ela se aprimorasse para a mais importante de suas apresentações que seria no Congresso sobre Síndrome de Down, na Espanha. Foi, neste momento, que ela percebeu que essa seria a sua profissão. Antes de sua viagem, a jovem fez muitos treinos, pois a sua apresentação, no congresso, seria individual e exigia dela contínuo treinamento e aperfeiçoamento.

Lili vai então para a Espanha. Sua mãe ficou responsável pelo seu figurino que tinha as cores do país no qual ela fez sua apresentação: vermelho e dourado. A genitora da bailarina, como em todas as apresentações, ajuda a filha a arrumar seus cabelos e vesti-la. A garota, então, dança e encanta a todo o público, começando, neste momento, seu sucesso internacional.

#### **4 O GÊNERO LITERATURA INFANTOJUVENIL**

A literatura infantojuvenil, segundo Paiva (2008), durante muito tempo foi entendida e estudada pela educação, utilizando-se de um caráter pedagógico moral. Os textos iniciais foram pensados para crianças e estavam direcionados a ensinar algo, deixar alguma mensagem, alguma prescrição moral.

A partir disso, compreende-se que a literatura infantojuvenil já era a peça chave para a maioria das escolas, visando transmitir uma cultura de ordem, porém isso fez com que ela empobrecesse e representasse a mudança nas duas características fundamentais à existência do texto literário: a exemplariedade e a ficcionalidade, conforme afirma Paiva (2008).

Para o autor a ficcionalidade passa assim a ter mais autonomia e a exemplariedade a seu favor, aproximando-se dos efeitos que as outras modalidades literárias provocam. Logo, estes fatores tornam-se necessários para garantir a literariedade.

Portanto, quando usamos o termo literariedade, estamos diante de um conceito relacionado à literatura. Isso significa que um texto para ter esta característica precisa ter uma linguagem especial, ou seja, figurada ou literária.

Coimbra (2016), ao relatar este assunto, discorre que “percebe-se em relação à literariedade que o mundo ou a realidade exterior são deixados de lado, importando somente o objeto em si, portador de um significado que lhe é inerente.” Logo, quando tratamos deste conceito, entende-se que para se ter esta qualidade é necessário que o texto busque uma linguagem contrária a referencial, ou seja, aquela que traz um sentido figurado.

Assim, quando lemos um texto de literatura infantojuvenil, como o que está sendo analisado, percebemos que há nele esta literariedade. Isso podemos verificar no seguinte trecho de “A bailarina especial” (2012, p. 10): “Lili, você é uma estrelinha que caiu do céu direto nas minhas mãos, e eu vou cuidar para que você brilhe sempre!”

Aqui o termo estrelinha é utilizado em uma linguagem figurada, pois quando pensamos em estrela, recordamos daquela que faz parte da constelação estelar. No entanto, a estrelinha a qual o texto se refere diz respeito a alguém que é famoso ou brilhante em algo que faz. Um outro termo utilizado que verificamos acima é o de exemplariedade. Novaes discorre o seguinte:

Embora em algumas obras a lição de vida desemboque em um horizonte "fechado" e enfatize as forças negativas ou o fracasso do viver, a grande maioria delas aponta para a esperança, para o entusiasmo e a importância de se participar dinamicamente da vida. Mais do que dar exemplos ou conselhos, a literatura inovadora propõe problemas a serem resolvidos, tende a estimular, nas crianças e nos jovens, a capacidade de compreensão dos fenômenos; a provocar ideias novas ou atitude receptiva em relação às inovações que a vida cotidiana lhe propõe (ou proporá) e também capacitá-los para optar com inteligência nos momentos de agir. (COELHO, 2000, p. 154- 155).

Assim, quando tratamos de exemplariedade, dizemos que é tudo aquilo que está ligado ao estímulo de produzir atos corretos. Nos textos, principalmente os infantis e infantojuvenis verifica-se muitos fatores relacionados à característica supracitada. No livro em análise, há vários trechos que envolvem este conceito. Podemos verificar na obra "A bailarina especial" a seguinte citação:

A Aline tem Síndrome de Down. Isso não significa que ela não possa usar as sapatilhas de ponta ou mesmo dançar melhor que qualquer outra bailarina. E eu não chamo isso de deficiência: chamo de eficiência. Mesmo sendo diferente, ela provou a toda vocês que consegue ser uma ótima bailarina. (TOMÁZ, 2012, p.10).

Neste texto, é possível perceber traços de exemplariedade, pois a garota, mesmo com Síndrome de Down, consegue fazer o que alguém normal faz. Deixando claro que não somente quem tem uma deficiência pode conseguir algo, mas qualquer pessoa, criando, assim, um modelo dentro da literatura mesmo com uma pessoa que é portadora de uma deficiência.

Até então, a literatura, segundo Zilberman (1987), evitava o 'lado podre' da sociedade, seja em termos sociais ou existenciais, evitando apresentar problemas familiares, falta de dinheiro, morte, dependência química, dentre outros. Como se percebe, neste trecho, até mesmo na literatura destinada a jovens há o lado discriminatório, ou "podre" conforme afirma a autora. Se busca, ainda, mostrar somente o lado "bom" da sociedade, fazendo com que as crianças e jovens imaginem um mundo idealizado que não existe. Isso por sua vez, relaciona à possibilidade de reconhecer nas publicações sobre - bailarina especial - a sua normalidade que a relaciona à possibilidade de consumo de um produto "normal", ou consumível. Assim, ao tratar da obra em questão - A bailarina especial - temos um tema que há poucos anos também era evitado: Síndrome de Down. O texto em questão aborda a vida de uma menina que teria se tornado a "única" bailarina com Síndrome de Down no Brasil.

O livro infantojuvenil ensina e ensina muito. A sua postura aberta e declaradamente didática se faz sentir na temática escolhida, na estrutura narrativa, na própria transmissão de princípios morais e dadas informações, ou ainda na relação de personagens modelares. A temática escolhida, gira, muito freqüentemente, em torno de um princípio, as histórias assumindo a função de código de ética, normatizando todos os aspectos da vida. (ROSEMBERG, 1985, p. 59).

Conforme Rosemberg (1985), a literatura infantojuvenil é um meio que busca formar o jovem em princípios morais. Os seus personagens são modelos de fidelidade, riqueza, beleza, dignidade, honestidade e muitas outras características. Suas histórias se transformam em um código de ética, ou seja, regras a serem seguidas e normatizadas na sociedade.

Porém, o que se desejaria é que esta literatura tivesse uma outra visão de mundo, relata Rosemberg (1985), não apenas apregoada, mas praticada, desfazendo o plano simbólico. Assim, os livros de literatura infantojuvenil deveriam eliminar a busca de formas de expressões igualitárias, pois no seu conteúdo deveria estar presente a literatura do outro – do nós, que foi deixado atrás do espelho.

Na literatura detectamos a ocorrência de preconceitos, tanto sexuais como étnicorraciais e econômicos, juntamente com um discurso educador e emulador de altos princípios éticos. Neste sentido, passa-se a perceber que o diferente é tratado de forma que não faz parte dos princípios que a sociedade prega. Por trás de histórias que parecem inocentes, há alguma forma de discriminação. Estas moldam preceitos que a sociedade aceita, mas se formos analisar mais profundamente, perceberemos que estes discursos trazem pontos discriminatórios, tantas vezes despercebidos por quem os lê, pois a forma de narrativa consegue influenciar para que isso não se perceba.

Os livros de literatura infantojuvenil retratam comportamentos identicamente observados na realidade social, recriando as discriminações socialmente existentes e veiculando-as através de modos de expressão que lhes são próprios. Se percebe, muitas vezes, também, um discurso igualitário e veiculam discriminações mais ou menos latentes.

Segundo Rosemberg (1985, p. 100): “Sexismos, estereótipos e preconceitos não são exclusivos da literatura infantojuvenil brasileira. Ao contrário, parecem ser universais, como têm atestado os estudos que espoucaram em diferentes países.”

Logo, a literatura universal reforça a exclusão do diferente como se ele fosse alguém que precisa ser apresentado como um personagem malvado, como por



exemplo, se ele tem um rosto marcado por algum tipo de deficiência, ele nunca será o personagem principal de uma história. Para a sociedade, o que terá direito a ser o “príncipe” de uma trama será normalmente o branco de olhos azuis. Os livros, não somente os infantojuvenis, mas os infantis abordam muito estas questões discriminatórias, tentando muitas vezes exaltar o “outro” como o inadequado.

Percebe-se em alguns pontos do livro “A bailarina especial” (2012, p. 11), que há discriminações perceptíveis ao olhar mais atento. Mesmo sendo uma literatura mais atual e que busca utilizar o diferente como personagem principal, ainda, assim, existe este tipo de problema. Percebe-se no seguinte trecho: “Mas ela tem uma deficiência! – falou a mãe da Lia, de novo, um pouco alterada.”

Mesmo tendo alguns resquícios discriminatórios, já se percebe nos livros de literatura infantojuvenil, principalmente no livro analisado, que o diferente pode entrar na história como um protagonista. A personagem principal é o “outro”, aquele ser que talvez no início da literatura infantojuvenil não fosse possível apresentar: uma menina com uma deficiência. Ao tratar sobre este assunto, a obra “A bailarina especial” (2012), distorce o tema de que todos são iguais, de que na literatura só deveria estar presente o chamado “normal” e, mesmo com esta característica, não foi deixado de atribuir-lhe um papel de protagonismo. Aqui percebe-se que o personagem principal é que toma o lugar deste “outro”.

## **5 OBJETO DE CONSUMO - BAILARINA ESPECIAL**

Quando tratamos de objeto de consumo, queremos entender que toda a pessoa pode ser apresentada de uma determinada forma em que sua imagem e sua maneira de ser possa ser consumida.

Segundo Costa (2008, p. 30): “O ‘outro’ necessita se tornar um objeto de mercado para que possa ser um cidadão de dignidade.”

Sendo assim, a jovem bailarina Lili para se sentir uma cidadã digna na sociedade busca ser reconhecida em sua dança e, assim, passa a ser consumida como um objeto de consumo.

Para isso, a bailarina especial necessitou, em primeiro lugar, ser representada, para adquirir uma identidade e logo após isso ser lançada na mídia para ser um objeto de consumo. Pode-se dizer que o consumo é um conceito

neutro, porém, na sociedade atual muito se aplica aquilo que é chamado de consumismo.

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de autoidentificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. (BAUMAN, 2008, p. 41).

Assim, o consumismo nos faz prisioneiros do que a sociedade determina. Precisamos estar sempre consumindo para que sejamos parte deste novo mundo, para que sejamos aceitos nos dias de hoje. A falta de consumir gera um deslocamento na sociedade atual, fazendo com que a pessoa que não consome ou não siga as regras ditadas, seja apresentada como um estranho.

Pode-se dizer que o tempo todo, as pessoas são transformadas em objeto e paralelamente, buscam construir-se como sujeito, ou seja, formam uma identidade. Este tipo de sociedade formará a pessoa a partir de suas exigências e ela só será aceita se estiver nos padrões exigidos pela a sociedade de consumo.

Desta forma, por causa deste consumismo, as identidades se modificam por que é necessário que sejam adequadas a esse novo mundo. Para Woodward (2000, p. 83): “A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade.” Assim, muitas vezes, as pessoas necessitam ter esta identidade “normal” para serem aceitas na sociedade. E isto foi o que aconteceu com a bailarina especial, ela passa por várias mudanças para ser aceita no meio artístico e, assim, se transformar em uma dançarina famosa.

Assim, quando tratamos do objeto de estudo - a bailarina especial - Lili - verificamos que ela se torna um objeto para consumo e, assim, ser aceita pela sociedade, pois ela necessita apresentar os padrões necessários para continuar “sobrevivendo” nesta sociedade que exige que sejamos “iguais”. Assim, no momento em que ela passa a ser apresentada nos vários tipos de mídia, a imagem da menina adquire uma determinada identidade, que faz dela um ser famoso, mas principalmente alguém que se tornou igual a tantas outras bailarinas e, hoje, na sociedade de consumo, ela é aceita e aplaudida. De uma simples garota com Síndrome de Down, percebe-se que ela se torna a “única” bailarina com Down do

Brasil e passa a ser consumida como um objeto que se tornou parte do mundo “normal”.

Tudo inicia no momento em que ela, ainda criança, é convidada para se apresentar em um congresso sobre Síndrome de Down na Espanha. No livro “A bailarina especial” (2012, p. 29), há relacionado ao supracitado o seguinte: “- Você está sendo convidada para ir dançar. - Ah... Onde? - Na Espanha.” A partir deste pequeno trecho, verifica-se que, na sua infância, ela já é projetada como este produto. O fato de ela participar deste espetáculo fez com que sua imagem passasse a ser publicada no meio midiático com mais intensidade.

Desde juvenzinha, sua imagem estava sendo preparada para que chegasse à “perfeição”. Desde o início, a garota era incentivada a ter atitudes de uma bailarina profissional. Tudo começa pela sua alimentação. Ela necessitou, então, ter uma dieta saudável para que pudesse executar o “pas de deux”, um determinado passo de balé em que necessita que a dançarina seja esbelta.

Este fato, pode se verificar no seguinte trecho de A bailarina especial (2012, p.20), onde há a seguinte fala: “- Lili, eu sei que é gostoso, mas nós vamos ter de começar a cuidar de sua alimentação... - Ah... hambúrguer é tão bom, mãe! - Eu sei! Mas já pensou quando estiver fazendo um *pas de deux* e o bailarino tiver que levantar você?” Neste parágrafo, percebe-se que a imagem da menina começa a ser preparada para se tornar uma mercadoria de qualidade. Todo o produto, para ser aceito no mercado, deve apresentar características que chamem à atenção do consumidor. E a bailarina, aos poucos, começa a ter uma alimentação saudável e, assim, pode se apresentar com um corpo esbelto e dançar divinamente.

## 6 CONCLUSÃO

Assim, ao tratar deste assunto relacionado ao consumo e como uma pessoa pode se tornar um objeto de consumo na sociedade. Percebemos que o mundo mostra uma forma correta de ser e de como se deve agir, e que, se as pessoas não agem desta forma, elas acabam sendo excluídas do meio social. Logo, ser um objeto que se destaca faz com que a pessoa se sinta parte da sociedade que antes a excluía. Assim, percebo que a bailarina especial começa a ter uma relação com o mundo de forma a querer normalizar-se, mudando seu modo de agir para poder ser aceita na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COIMBRA, Rosicley Andrade. **Mimesis e literariedade**: (esboço de um) percurso investigativo. Disponível em: <[http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_008/Cultura%20PDFs/Rosicley%20Andrade%20Coimbra%20PRONTO.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_008/Cultura%20PDFs/Rosicley%20Andrade%20Coimbra%20PRONTO.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2016.

COSTA, Marisa Vorraber. **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório mundial sobre a deficiência**. São Paulo: SEDPCD, 2011. Disponível em: <[http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/RELATORIO\\_MUNDIAL\\_COMPLETO.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/RELATORIO_MUNDIAL_COMPLETO.pdf)>. Acesso em: 26 ago. 2016.

PAIVA, Fabrícia Vellasques. **A literatura infantojuvenil na formação social do leitor**: a voz do especialista e a vez do professor nos discursos do PNBE 2005. 206 f. 2008. (Dissertação). – Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ROCHA, E. (2002). Cenas do consumo: notas, ideias, reflexões. **Semear (PUC-RJ)**, Brasil/Portugal, v. 6, p. 69-92.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

TOMÁZ, Aline Favaro. **A bailarina especial**. São Paulo: Panda Books, 2012.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6.ed. São Paulo: Global, 1987.